



Fotografia retirada do Facebook de Liliana Valente, no dia que o novo governo entrou em funções

Como é que o jornalismo apareceu na sua vida?

Não sei dizer ao certo uma data ou um momento definidor. Lembro-me de em pequena, quando brincava na rua de trás da casa da minha avó com as minhas amigas, já inventar situações para relatar, como se fosse uma jornalista. Tudo servia de microfone e tudo servia de "facto" para ser relatado. Lá por casa ainda andam umas K7s onde eu invento reportagens sobre o trigo. Obrigava a minha irmã a filmar-me enquanto dizia o que me apetecia, imitando quem via na televisão. Sobretudo o José Manuel Mestre, que já trabalhava na SIC. O aparecimento das televisões privadas e sobretudo o Mestre contribuíram para esta minha paixão precoce.

Como chegou ao *Independente*?

Cheguei a'O Independente num estágio de verão. Terminei o curso em junho e tinha sido selecionada para fazer um estágio no Público, que só começava em dezembro. Estava em Lisboa, tinha de garantir a renda da casa pelo menos até ao inverno e decidi procurar um estágio para fazer nas férias de verão. Nessa altura há menos trabalho nas redações, é verdade, mas também é verdade que há menos gente e pensei que por isso poderia ter mais oportunidades. Não me enganei. Quer dizer, só me enganei na parte do trabalho. Porque tive mesmo muito. Era ano de eleições autárquicas e de preparação de eleições presidenciais. Tive a sorte de ter bons chefes que me quiseram contratar... É claro, o estágio no Público já não aconteceu. Hoje digo: ainda bem. Não me arrependo do caminho.

Depois de ter começado no Independente, de ter passado pelo Rádio Clube Português e pelo Jornal I, foi uma das fundadoras do Observador. O que espera do futuro? Quais as próximas metas?

Nunca entrei num sítio pensando que no futuro iria sair. E o mesmo se passa no Observador. Sou feliz ali. Por isso posso apenas dizer que o meu futuro de curto e talvez médio prazo passa pelo Observador. É um projeto cativante, onde faço o que quero e gosto. Acresce que com quase dez anos de profissão estou neste momento a chegar ao auge da carreira. No I era a jornalista destacada para acompanhar o anterior

Governo e no Observador estou destacada para acompanhar o PS e o Governo, além de tudo o que se passa no Parlamento. No futuro espero continuar a informar as pessoas o melhor que sei sobre aqueles que nos governam ou querem governar. A próxima meta é só a de terminar o mestrado e continuar a estudar.

O Independente – A máquina de triturar políticos

Foi convidada pelo Filipe Santos Costa para escrever, juntamente com ele, este livro sobre o *Independente*, o que a levou a aceitar o desafio? E porquê nesta altura?

Não foi para mim fácil aceitar escrever o livro. Mas também não seria negar fazê-lo. Por razões diferentes. Pensei em dizer que não por falta de tempo, porque sabia que com eleições legislativas este ano, mais eleições presidenciais, com um projeto a arrancar (quando fui convidada o Observador tinha ainda só meio ano) seria muito difícil conciliar tudo. Além disso, queria terminar o mestrado e tive de fazer opções. Mas o convite foi muito aliciante. Eu sabia que poderia aprender muito, como aprendi, e que me iria dar muito gozo ler e descobrir o que foi um jornal diferente, numa época que não vivi. Foi sobretudo por isso que aceitei e confirmei todas as expectativas.

O livro foi lançado no início de novembro e já conta com várias edições. Estão, a Liliana e o Filipe, surpreendidos com a reação do público?

Neste momento em que vos falo, o livro já está na quarta edição. Nós tínhamos a certeza que assim que o livro fosse entendido, que haveria muita gente a comprar. Porque apesar de ser um livro de não ficção, nós tentamos que a leitura fosse agradável, quase como se fosse um romance. Com a grande diferença que estas personagens são reais, as histórias também. Ficamos surpreendidos com o resultado, sim, mas acreditamos no potencial do livro logo desde início. Acresce ainda que o livro é também um objeto bonito, com uma capa maravilhosa e com a reprodução de capas do Indy que o embelezam e lhe dão ainda mais cor e conteúdo. Por isso é também um excelente livro para servir de presente e, parte do sucesso vem também daí, há muita gente que compra como prenda de Natal, por exemplo. Afinal, há muito mais gente nostálgica do *Independente* do que imaginámos à partida.



A capa d'O Independente - A Máquina de triturar políticos

O que é que um leitor habitual do *Independente* pode descobrir neste livro sobre o jornal?

Um leitor d'O Independente pode encontrar muito daquilo de que se lembra do jornal. As capas maravilhosas, as principais histórias, os textos bem escritos. Mas além disso, e foi essa a nossa intenção, pode encontrar mais história sobre esta história do jornal. Ou seja, nós não quisemos apenas fazer uma resenha de bons textos ou boas histórias do Indy, quisemos dar mais conteúdo. Quisemos contar as histórias por detrás das histórias e dar-lhe enquadramento. Foi por isso que falamos com jornalistas, vítimas e fontes e também com o homem que mais influenciou a história política do jornal: Paulo Portas. Quem ler o livro, ficará não só com a história política do jornal naqueles anos (de 1988 a 1995, quando coexistiram Paulo Portas e Miguel Esteves Cardoso no jornal e Cavaco Silva como primeiro-ministro), como também um pouco da história política do país naqueles anos. E acho que essa é mais valia do livro e que faz com que ele chegue a outras pessoas, que não só os leitores do Independente.

Na sua opinião, acha que, hoje em dia, o Indy teria lugar no jornalismo nacional?

Esta é uma pergunta difícil de responder. Acho que faz falta um jornal com o arrojo do Independente. Um jornal que não tenha medo das palavras, que conte histórias daquela maneira, que as embrulhe para serem lidas pelas pessoas. Mas não acho que faça falta um jornal como o Indy no seu todo. Muitas vezes o jornal foi demasiado longe. Ultrapassou o risco ético, moral e até cívico. E nesse aspeto acho que não faça falta. Acresce ainda que temos de olhar para o Indy como fruto de uma época: a democracia ainda era muito recente, o país vivia a sua primeira maioria absoluta, os dinheiros da Europa estavam a chegar em força. Os tempos hoje, na política e no jornalismo são diferentes. Não se pode pegar naquele modelo jornalístico e achar que ele iria ter sucesso ou sequer fazer falta atualmente. E ter sucesso e fazer falta não são sequer sinónimos. Além de quem acho injusto para a imprensa de hoje achar-se que não faz o seu papel. Não é verdade a 100%. É verdade que as redações estão a perder gente, que se trabalha muitas horas e em muita quantidade e que isso nem sempre é sempre a todas as horas sinónimo de qualidade, mas também é verdade que nos últimos tempos se tem feito um esforço para melhorar o nosso papel, com novos projetos, como o Observador, que pretende explicar melhor às pessoas, enquadrar melhor, ir mais longe. Casos como o do BPN, do BES ou o escrutínio que foi feito ao anterior governo e à troika não eram possíveis se não existisse uma imprensa atenta e empenhada. Também é verdade que há uma espécie de novílingua, e que para muita gente nem sempre é fácil entender o papel de um jornal. Mas somos hoje mais especializados, temos de perceber de tudo e até de finanças públicas para explicar o que acontece às pessoas. E isso, nos jornais na época d'O Indy, era menos relevante. As pessoas não se lembram do Independente pelas suas excelentes peças de economia, parece-me. Acresce ainda que um jornal assim, hoje em dia, poderia nem ser bem recebido pelo público. Quase nenhum é. Se hoje se fala do problema da imprensa, eu prefiro falar no problema das pessoas: se há uma franja da sociedade que quer saber

mais, que quer estar mais informada, também é verdade que uma franja muito grande da sociedade prefere estar alienada da realidade. Não lê, ou lê pouco, acha que ver o telejornal chega para estar devidamente informado para fazer as suas escolhas democráticas (sim, nós servimos para informar e para que as pessoas saibam em quem vão votar e o que defendem e ainda o que fazem com o poder do voto, somos o polícia dos cidadãos) e muitas vezes nem sabe que existem jornais de referência, que realmente informam e não distorcem. Prova disso é que o jornal mais comprado em Portugal é o Correio da Manhã e arrisco dizer - e não estou errada ao dizê-lo - que quem o compra, compra sobretudo pelas histórias de crime de faca e alguidar. Os nossos jornais diários de referência são comprados por cerca de vinte mil pessoas e mais do que este valor era o que vendia o Independente sozinho, uma vez por semana, quando fechou há dez anos. Somos mais de dez milhões. Acho que estes números nos mostram a dimensão do que acontece em Portugal. Sem bons cidadãos e sem cidadãos dispostos a pagar por informação, não há boa imprensa que dure para sempre. Felizmente, há muita gente que não compra jornais, mas que procura informação de qualidade na internet. Prova disso é o aumento de tráfego nos sites de notícias e o sucesso estrondoso, para muitos inesperado, do Observador. Por isto tudo, faz sempre falta mais e melhor imprensa, mas sem excessos. Também faz falta mais cidadãos atentos.

Nota: A entrevista foi feita no dia 9 de dezembro de 2015